UNE ✦ SACRA

Roma Antiga

Sobre a Brevidade da Vida

✦ ✦ ✦

Sêneca

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	Sêneca
Data	c. 49 d.C.
Idioma original	Latim
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de Aubrey Stewart (1889)
Fonte	Project Gutenberg
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Diálogo do filósofo estoico Lúcio Aneu Sêneca (c. 4 a.C.–65 d.C.), escrito por volta de 49 d.C. e dirigido a Paulino, que cuidava do abastecimento de trigo de Roma. Apesar do nome, é uma carta-ensaio, sem conversa entre personagens.

Sêneca começa respondendo à queixa de que a vida é curta: "não recebemos uma vida curta, nós a tornamos curta".

O tempo se perde em ambição, negócios, banquetes, favores aos poderosos e projetos adiados para a velhice; os "ocupados" vivem como se fossem viver para sempre e só percebem a vida quando ela acaba.

Só vive de verdade quem tem tempo para si e para a sabedoria, conversando com os filósofos do passado, e o livro termina com o conselho a Paulino de deixar o cargo e se dedicar a isso.

Os 20 capítulos seguem a divisão do latim.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/64576

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

CAPÍTULO I

✦

1 A maior parte dos homens, meu Paulino, queixa-se da maldade da Natureza, porque nascemos só para um curto espaço de tempo e porque esse período de vida que nos foi dado corre tão depressa, ou melhor, tão às pressas, que, com poucas exceções, a vida dos homens chega ao fim justamente quando eles se preparam para gozá-la; e não é só a multidão e o vulgo ignorante que lamentam esse mal universal, como eles o consideram: essa reflexão arrancou queixas até de grandes homens.

2 Daí vem aquele dito conhecido dos médicos, de que a arte é longa e a vida é curta; daí nasceu aquela briga, tão imprópria de um sábio, que Aristóteles comprou com a Natureza, porque ela dera aos animais uma vida tão longa que alguns deles viviam dez ou quinze séculos, enquanto o homem, embora nascido para tantos e tão grandes feitos, tinha o prazo da sua existência cortado tão mais curto.

3 Não temos um tempo muito curto que nos foi dado, mas perdemos muito dele: a vida é longa o bastante para realizar os projetos mais importantes; temos uma porção generosa, se apenas a organizarmos inteira como se deve; mas, quando ela toda se desperdiça em luxo e descuido, quando não é dedicada a nenhum bom propósito, então, no fim, somos forçados a sentir que tudo acabou, embora nunca tenhamos notado como ela escorregou. Assim é: não recebemos uma vida curta, nós a tornamos curta; não somos pobres de dias, mas esbanjadores deles.

4 Quando riquezas grandes e régias caem nas mãos de um mau dono, são dissipadas logo; mas até uma fortuna modesta, quando entregue a um guardião sábio, cresce com o uso; e do mesmo modo a nossa vida oferece grandes oportunidades a quem sabe dispor dela da melhor maneira.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO II

✦

1 Por que nos queixamos da Natureza? Ela foi bondosa conosco. A vida é longa o bastante, se souberes usá-la.

2 Um homem é dominado por uma avareza que nada sacia; outro, por uma diligência trabalhosa em fazer o que é totalmente inútil; outro está encharcado de vinho; outro, entorpecido pela preguiça; um se esgota numa ambição que o faz cortejar a boa vontade dos outros; outro, pela ânsia de comerciante, é levado pela esperança de lucro a visitar todas as terras e todos os mares; alguns são atormentados pelo gosto da vida militar e estão sempre pondo em perigo a vida dos outros ou tremendo pela própria; alguns gastam a vida naquela escravidão voluntária, o serviço não recompensado dos grandes; muitos se ocupam em reclamar a fortuna alheia ou em se queixar da própria; um grande número não tem propósito firme e é jogado de um projeto novo a outro por um modo de ser errante, inconstante, insatisfeito e volúvel; alguns não se importam com nenhum objetivo o bastante para tentar alcançá-lo, mas ficam bocejando preguiçosamente até que o destino os alcance; de modo que não posso duvidar da verdade daquele verso que o maior dos poetas vestiu com a forma de um oráculo —

3 "Vivemos só uma pequena parte das nossas vidas."

4 Mas toda a duração é tempo, não vida: os vícios nos apertam e nos cercam por todos os lados, e não nos deixam levantar nem erguer os olhos para contemplar a verdade, mas, quando estamos caídos, mantêm-nos prostrados e acorrentados a desejos baixos.

4.2 Os homens nesse estado nunca conseguem voltar a si: se por acaso obtêm algum descanso, rolam de um lado para outro como o mar profundo, que se levanta e se agita depois de um vendaval, e nunca têm trégua das suas paixões. Pensas que falo daqueles cujos males são notórios? Não: olha para aqueles cuja prosperidade todos correm para ver: estão sufocados pelos seus próprios bens.

5 Para quantos homens as riquezas são um fardo pesado? A quantos a eloquência e o desejo contínuo de exibir a própria esperteza custaram a vida? Quantos estão pálidos pelo constante prazer dos sentidos? Quantos não têm nenhuma liberdade, por causa da tribo de clientes que se agita em volta deles?

5.2 Percorre todos eles, do mais baixo ao mais alto: este chama os amigos para apoiá-lo, este está presente no tribunal, este é o réu, este o defende, este é jurado; mas ninguém reivindica a si mesmo, cada um gasta o seu tempo com algum outro.

6 Investiga os homens cujos nomes estão na boca de todos: verás que trazem exatamente as mesmas marcas: A se dedica a B, e B a C; ninguém pertence a si mesmo. Ademais, alguns estão cheios de uma raiva muito irracional: queixam-se da insolência dos seus chefes, porque não lhes concederam audiência quando a quiseram; como se alguém tivesse o direito de se queixar de ser afastado com tanta altivez por outro, quando ele mesmo nunca tem tempo para dar ouvidos à própria consciência.

7 Esse teu chefe, seja quem for, ainda que te olhe de modo ofensivo, um dia ainda olhará para ti, abrirá os ouvidos às tuas palavras e te dará um lugar ao seu lado; mas tu nunca te dignas olhar para ti mesmo, escutar as tuas pró-

prias queixas. Não deves, então, exigir esses serviços de outro, principalmente porque, enquanto tu mesmo fazias isso, não querias uma entrevista com outro homem, mas não conseguias obter uma contigo mesmo.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO III

✦

1 Ainda que todos os maiores talentos de todos os tempos se ocupassem deste único assunto, nunca conseguiriam expressar o bastante o seu espanto diante dessa cegueira da mente humana: os homens não deixam ninguém se instalar nas suas terras e, à menor disputa sobre a medida dos limites, recorrem a pedras e porretes; mas deixam que outros invadam a sua vida, ou melhor, eles mesmos levam outros para dentro dela para que tomem posse.

2 Não encontrarás ninguém que queira distribuir o seu dinheiro; e, no entanto, entre quantas pessoas cada um distribui a sua vida? Os homens guardam com avareza os seus bens para que não se desperdicem, mas, quando se trata de perder tempo, são extremamente pródigos justamente daquilo em que lhes convinha ser econômicos. Tomemos um dos velhos e digamos a ele: "Vemos que chegaste aos últimos limites da vida humana: estás no teu centésimo ano, ou até mais velho.

3 Vamos, faze a conta da tua vida inteira, por escrito: dize-nos quanto do teu tempo foi gasto com os teus credores, quanto com a tua amante, quanto com o teu rei, quanto com os teus clientes, quanto brigando com a tua mulher, quanto pondo em ordem os teus escravos, quanto correndo pela cidade a negócios. Acrescenta as doenças que trazemos sobre nós com as próprias mãos e o tempo que ficou parado sem ser usado para nada: verás que não viveste tantos anos quantos contas.

4 Volta à tua memória e vê quantas vezes foste firme nos teus projetos, quantos dias passaram como pretendias quando estavas à tua disposição, quantas vezes não mudaste de cor nem o teu ânimo vacilou, quanto trabalho fizeste em tanto tempo, quantas pessoas te roubaram, sem que soubesses, partes da tua vida, quanto perdeste, que grande parte foi tomada por uma dor inútil, uma alegria tola, um desejo ávido ou uma conversa de cortesia; quão pouco de ti te restou: perceberás então que morrerás antes do tempo." Qual é, então, a razão disso?

5 É que as pessoas vivem como se fossem viver para sempre: nunca te lembras da tua fragilidade humana; nunca reparas quanto do teu tempo já passou: gasta-lo como se tivesses uma provisão farta e transbordante, embora, o tempo todo, aquele dia que dedicas a algum homem ou a alguma coisa talvez seja o último. Temes tudo, como mortais que sois, e desejais tudo como se fôsseis imortais.

6 Ouvirás muitos dizerem: "Depois dos cinquenta anos vou me entregar ao ócio; os sessenta serão o meu último ano de cargo público"; e que garantia tens de que a tua vida durará mais? Quem deixará que tudo isso aconteça como planejaste? Não te envergonhas de reservar para ti só as sobras da tua vida e de destinar ao gozo do teu juízo são apenas o tempo que não podes dedicar a nenhum negócio? Como é tarde começar a viver justamente quando temos de partir!

7 Que esquecimento tolo da nossa mortalidade, adiar os conselhos sadios para os cinquenta ou sessenta anos e escolher que a nossa vida comece num ponto a que poucos de nós chegam.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO IV

✦

1 Verás que os homens mais poderosos e mais bem colocados deixam escapar frases em que desejam o ócio, o louvam e o preferem a todos os bens que gozam. Às vezes gostariam de descer do seu alto pedestal, se pudessem fazê-lo com segurança; pois a Fortuna desaba pelo próprio peso, sem nenhum choque ou interferência de fora.

1.2 O falecido imperador Augusto, a quem os deuses deram mais bens do que a qualquer outro, nunca deixou de pedir descanso e dispensa das preocupações do império: costumava animar os seus trabalhos com este consolo doce, embora irreal, de que um dia viveria só para si.

2 Numa carta que dirigiu ao Senado, depois de prometer que o seu descanso não seria sem dignidade nem indigno das suas glórias passadas, encontro estas palavras: "Essas coisas, contudo, é mais honroso fazê-las do que prometê-las; mas a minha ânsia por aquele tempo, tão ardentemente desejado, levou-me a ter um certo prazer em falar dele, embora a realidade ainda esteja bem distante." Ele achava o ócio tão importante que, embora não pudesse de fato gozá-lo, o gozava por antecipação, pensando nele.

3 Ele, que via tudo depender só de si, que governava a sorte dos homens e das nações, pensava que o seu dia mais feliz seria aquele em que deixasse de lado a sua grandeza.

4 Sabia por experiência quanto trabalho havia naquela glória que brilhava por todas as terras e quanta ansiedade secreta se escondia nela: fora forçado a defender os seus direitos pela guerra, primeiro com os seus compatriotas,

depois com os seus colegas e por fim com os próprios parentes, e derramara sangue por mar e por terra; depois de fazer marchar as suas tropas em armas pela Macedônia, Sicília, Egito, Síria, Ásia Menor e quase todos os países do mundo, quando elas estavam cansadas de matar romanos, voltara-as contra um inimigo estrangeiro.

5 Enquanto pacificava as regiões alpinas e subjugava os inimigos que encontrava no meio do império romano, enquanto estendia as suas fronteiras para além do Reno, do Eufrates e do Danúbio, em Roma mesmo estavam sendo afiadas para matá-lo as espadas de Murena, Cepião, Lépido, Egnácio e outros. Mal escapara da conspiração deles, a sua idade, já em declínio, foi aterrorizada pela filha e por todos os jovens nobres que se ligaram à causa dela pelo adultério com ela, como se fosse um juramento de fidelidade.

6 Depois houve Paulo e a amante de Antônio, que Roma tinha de temer pela segunda vez; e, quando ele cortou essas úlceras dos próprios membros, outras cresceram no lugar: o império, como um corpo carregado de sangue demais, estava sempre arrebentando em algum ponto. Por isso ele desejava o ócio: todos os seus trabalhos se apoiavam em esperanças e pensamentos de ócio; esse era o desejo daquele que podia realizar os desejos de todos os outros homens.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO V

✦

1 Jogado para cá e para lá por Catilina e Clódio, Pompeu e Crasso, por inimigos declarados e amigos duvidosos, enquanto lutava com a república que lutava e a impedia de ir à ruína, quando por fim foi exilado, não sendo capaz de calar na prosperidade nem de suportar com paciência a adversidade, quantas vezes Marco Cícero deve ter amaldiçoado aquele seu consulado que nunca deixou de louvar, e que no entanto o merecia?

1.2 Que expressões lamentáveis ele usa numa carta a Ático, quando Pompeu, o pai, tinha sido derrotado e o filho reunia na Hispânia as suas forças destroçadas? "Perguntas", escreve ele, "o que faço aqui?

2 Vivo na minha casa de Túsculo quase como um prisioneiro." Acrescenta mais coisas depois, em que lamenta a vida passada, queixa-se da presente e desespera do futuro. Cícero chamou a si mesmo "meio prisioneiro", mas, por Hércules, o sábio nunca teria caído num título tão baixo: nunca seria meio prisioneiro, mas sempre gozaria de uma liberdade completa e inteira, sendo livre, senhor de si e maior que todos os outros; pois o que pode ser maior do que o homem que é maior do que a Fortuna?

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO VI

✦

1 Quando Lívio Druso, homem vigoroso e enérgico, apresentou projetos de leis novas e medidas radicais ao estilo dos Gracos, estando no centro de uma vasta multidão de todos os povos da Itália, e não vendo modo de resolver a questão, pois não lhe permitiam tratá-la como queria e, ao mesmo tempo, não estava livre para abandoná-la depois de ter entrado nela, queixou-se amargamente da sua vida, que fora de agitação desde o berço, e disse, segundo contam, que "era a única pessoa que nunca tivera férias, nem mesmo quando menino".

2 De fato, quando ainda era menor de idade e usava a toga pretexta, teve a ousadia de defender acusados no tribunal e de usar a sua influência com tanta força que se sabe bem que, em algumas causas, foi o seu empenho que obteve a sentença. Onde pararia uma ambição tão precoce?

2.2 Podes ter certeza de que quem mostrou tal ousadia como criança acabaria se tornando uma grande peste, na vida pública e na privada: era tarde demais para se queixar de nunca ter tido férias, quando desde menino fora um incendiário e um incômodo nos tribunais.

3 Discute-se muito se ele se matou: pois caiu de um ferimento súbito na virilha, e alguns duvidaram de que a sua morte tivesse sido causada pela própria mão, embora ninguém discutisse que aconteceu muito a propósito. Seria supérfluo citar mais homens que, enquanto os outros os julgavam os mais felizes, deram eles mesmos verdadeiro testemunho dos seus sentimentos e detestaram tudo o que fizeram em todos os anos da vida; e, no en-

tanto, com essas queixas não mudaram nada nem nos outros nem em si mesmos: pois, depois que essas palavras lhes escapam, os seus sentimentos voltam ao estado de costume.

4 Por Hércules, essa vida de vós, grandes homens, ainda que durasse mais de mil anos, continuaria muito curta: esses vossos vícios engoliriam qualquer extensão de tempo; não admira que este nosso espaço comum, que, embora a Natureza o apresse, pode ser alargado pelo bom senso, logo vos escape: pois não o agarrais nem o segurais, nem tentais retardar a mais veloz de todas as coisas, mas o deixais passar como se fosse uma coisa inútil e pudésseis substituí-la.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO VII

✦

1 Entre estes conto em primeiro lugar os que não dedicam o seu tempo a outra coisa senão à bebida e à devassidão: pois nenhum homem se ocupa de modo mais vergonhoso; os outros, embora a glória que perseguem seja apenas uma falsificação, ainda merecem algum crédito por persegui-la — ainda que me fales de avarentos, de homens coléricos, de homens que odeiam e até fazem guerra sem motivo —; todos esses pecam como homens; mas o pecado dos que se entregam à gula e à luxúria é vergonhoso.

2 Examina todas as horas da vida deles: considera quanto tempo gastam em cálculos, quanto em tramas, quanto em medo, quanto em dar e receber lisonjas enganosas, quanto em se fazer fiadores de si mesmos ou dos outros, quanto em banquetes, que de fato se tornam um negócio sério: verás que nem os prazeres nem as dores os deixam respirar. Por fim, todos concordam que nada, nem a eloquência nem as letras, pode ser bem feito por quem está ocupado com outra coisa; pois nada pode criar raízes profundas numa mente voltada para outro assunto, que rejeita tudo o que tentas meter nela.

3 Ninguém sabe menos sobre viver do que um homem ocupado: não há nada mais difícil de aprender. As outras artes têm por toda parte muita gente que se oferece para ensiná-las; algumas delas podem ser aprendidas tão a fundo por simples meninos que eles são capazes de ensiná-las aos outros; mas a vida inteira tem de ser gasta aprendendo a viver e, o que talvez te surpreenda mais, a vida inteira tem de ser gasta aprendendo a morrer.

4 Muitos homens excelentes se livraram de todos os estorvos, abandonaram riquezas, negócios e prazeres, e fizeram do aprender a viver o seu dever até o fim da vida; e, no entanto, a maior parte deles deixa esta vida confessando que ainda não sabe viver, e muito menos viver como sábio.

5 Acredita: é preciso um grande homem, superior às fraquezas humanas, para não deixar que nada do seu tempo lhe seja surrupiado; e por isso a sua vida é muito longa, porque ele dedica a si mesmo cada parte possível dela: nenhuma porção fica parada ou sem cultivo, ou em poder de outro; pois ele não acha nada digno de ser trocado pelo seu tempo, que administra com a maior avareza. Ele, por conseguinte, teve tempo de sobra; ao passo que os que deram uma grande parte da vida ao povo, necessariamente, não tiveram o bastante.

6 Não deves pensar, contudo, que estes não percebiam às vezes a sua perda: de fato, ouvirás a maioria dos que se afligem com uma grande prosperidade exclamar de vez em quando, no meio das suas multidões de clientes, das suas defesas no tribunal e dos seus outros incômodos honrosos: "Não me deixam viver a minha própria vida." Por que não deixam? Porque todos os que te chamam para defendê-los te tiram de ti mesmo.

7 Quantos dos teus dias foram gastos por aquele réu? Por aquele candidato a um cargo? Por aquela velha cansada de enterrar os seus herdeiros? Por aquele homem que finge estar doente para excitar a cobiça dos que esperam herdar os seus bens? Por aquele teu amigo poderoso, que te usa para engrossar o seu séquito, não para ser teu amigo? Faze o balanço e percorre todos os dias da tua vida: verás que só pouquíssimos dias, e só os que não serviam para nenhum outro fim, te sobraram.

8 Quem obteve os fasces que tanto desejava está ansioso para se livrar deles e diz sem parar: "Quando vai acabar este ano?"; outro dá jogos públicos e, um dia, teria pago muito pela chance de dá-los, mas agora diz: "Quando vou escapar disto?"; outro é um advogado disputado em todos os tribunais, que atrai plateias imensas, que enchem todo o fórum a uma distância muito maior do que aquela de onde podem ouvi-lo: "Quando", diz ele, "chegarão as férias?"

9 Cada homem atravessa a vida às pressas e sofre de uma ânsia pelo futuro e de um cansaço do presente; mas quem dispõe de todo o seu tempo para os próprios fins, quem organiza todos os seus dias como se organizasse o plano da sua vida, não deseja nem teme o dia de amanhã: pois que prazer novo pode uma hora lhe dar agora? Ele conhece tudo e gozou de tudo até a saciedade.

10 A Fortuna pode tratar o resto como quiser: a vida dele já está a salvo dela; um homem assim pode ganhar alguma coisa, mas não pode perder nada; e, de fato, só pode ganhar algo do mesmo modo que alguém já farto e cheio pode receber um pouco mais de comida, que aceita embora não precise. Não tens motivo, portanto, para pensar que alguém viveu muito porque tem rugas ou cabelos brancos: esse homem não viveu muito, apenas esteve vivo por muito tempo.

11 Ora! Acharias que um homem navegou muito se uma tempestade feroz o apanhasse logo ao sair do porto e ele fosse levado de um lado para outro, em volta do mesmo lugar, sem parar, por uma sucessão de ventos que sopram de direções opostas? Esse homem não viajou muito, apenas foi muito sacudido.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO VIII

✦

1 Fico cheio de espanto quando vejo alguns homens pedindo a outros o seu tempo, e os que são pedidos muito dispostos a dá-lo: as duas partes consideram o objetivo para o qual o tempo é dado, mas nenhuma pensa no tempo em si, como se quem o pede não pedisse nada e quem o dá não desse nada; brincamos com a mais preciosa de todas as coisas; e ela escapa à atenção dos homens porque é uma coisa sem corpo e não se apresenta aos nossos olhos; e por isso é tida por baratíssima, ou melhor, quase não se lhe dá valor algum.

2 Os homens dão o maior valor a presentes ou pensões, e alugam o seu trabalho, os seus serviços ou o seu cuidado para obtê-los; ninguém dá valor ao tempo: entregam-no com muito mais liberdade, como se não custasse nada.

2.2 E, no entanto, verás essas mesmas pessoas abraçadas aos joelhos do médico, suplicantes, quando estão doentes e em perigo iminente de morte, e, se ameaçadas de uma acusação capital, dispostas a dar tudo o que possuem para viver: tão incoerentes são.

2.3 De fato, se o número dos anos futuros de cada homem pudesse ser posto diante dele, como podemos pôr o dos anos passados, como ficariam ansiosos para aproveitá-los ao máximo os que descobrissem que lhes restavam poucos?

3 E, no entanto, é fácil organizar a distribuição de uma quantidade, por menor que seja, se sabemos quanto há; o que deves administrar com mais cuidado é aquilo que pode acabar não se sabe quando. Mas não tens mo-

tivo para pensar que eles não sabem quanto o tempo é precioso: costumam dizer àqueles que mais amam que estão prontos a lhes dar uma parte dos próprios anos. E dão, sem saber que estão dando; mas dão de tal modo que eles mesmos os perdem sem que os outros os ganhem.

4 Não sabem, contudo, de onde lhes vem a provisão, e por isso conseguem suportar o desperdício do que não se vê; mas ninguém te devolverá os teus anos, ninguém os restituirá a ti: a tua vida seguirá o seu curso uma vez começada, e não recomeçará nem apagará o que fez. Não fará alarde, não te avisará de quão depressa voa: seguirá em silêncio; não se prolongará por ordem de um rei ou por desejo de um povo: como partiu no primeiro dia, assim correrá; nunca se desviará, nunca se demorará. O que se segue, então?

5 Ora! Estás ocupado, mas a vida se apressa: a morte chegará um dia ou outro, e terás de atendê-la, queiras ou não.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO IX

✦

1 Pode-se citar coisa mais insensata do que as ideias de ócio daqueles que se gabam da sua sabedoria mundana? Vivem trabalhosamente para poder viver melhor; preparam-se para a vida à custa da própria vida e lançam os pensamentos para muito longe; mas o adiamento é o maior desperdício da vida: arranca-nos um dia depois do outro e nos tira o presente prometendo alguma coisa para depois; não há obstáculo maior ao verdadeiro viver do que a espera, que perde o hoje enquanto depende do amanhã. Dispões daquilo que está na mão da Fortuna e largas aquilo que está na tua.

2 Para onde olhas, para onde te estendes? Tudo o que é futuro é incerto: vive agora, já. Vê como o maior dos poetas te grita e canta em verso salutar, como que inspirado por um fogo celeste:

3 "O melhor dos dias dos pobres mortais é aquele
que é o primeiro a fugir."

4 Por que hesitas, diz ele, por que ficas para trás? Se não o agarrares, terá fugido; e, mesmo que o agarres, ainda assim fugirá. A nossa rapidez em usar o tempo deve, por conseguinte, competir com a rapidez do próprio tempo, e devemos beber dele como beberíamos de uma torrente veloz que não vai correr para sempre.

4.2 O poeta também satiriza admiravelmente os nossos pensamentos sem limite quando diz não "a primeira idade", mas "o primeiro dia". Por que és descuidado e lento enquanto o tempo voa tão depressa, e por que es-

tendes diante de ti uma visão de longos meses e anos, tantos quantos a tua avidez exige? Ele te fala de um dia, e de um dia que foge depressa.

5 Não pode haver dúvida, então, de que os melhores dias são os que fogem primeiro para os pobres mortais, isto é, para os ocupados, cujas mentes ainda estão na infância quando a velhice os alcança, e chegam a ela despreparados e sem armas para combatê-la. Nunca olharam para a frente: subitamente tropeçaram na velhice; nunca notaram que ela se aproximava às escondidas dia após dia.

6 Assim como a conversa, a leitura ou o pensamento profundo enganam os viajantes, e eles se veem no fim da viagem antes de saber que ele se aproximava, assim nesta viagem rápida e incessante da vida, que fazemos no mesmo passo, dormindo ou acordados, os ocupados nunca percebem que se movem até chegarem ao fim dela.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO X

✦

1 Se eu quisesse dividir esta proposição em etapas separadas, apoiadas em provas, ocorrem-me muitas coisas com que poderia provar que a vida dos ocupados é a mais curta de todas.

1.2 Fabiano, que não era um desses filósofos de sala de aula, mas um do verdadeiro modelo antigo, costumava dizer: "Devemos combater as paixões com toda a força, não com escaramuças, e romper a linha de batalha delas com uma carga direta, não com feridas leves; não aprovo brincar com sofismas; é preciso esmagá-las, não apenas arranhá-las."

1.3 Mas, para que os pecadores sejam postos diante dos seus erros, é preciso ensiná-los, e não apenas lamentá-los.

2 A vida se divide em três partes: a que foi, a que é e a que será; dessas três etapas, a que atravessamos é breve, a que vamos atravessar é incerta e a que já atravessamos é certa: é sobre esta que a Fortuna perdeu os seus direitos e que não pode cair no poder de nenhum outro homem; e é esta que os ocupados perdem: pois não têm tempo para olhar para o passado e, mesmo que tivessem, não têm prazer em lembrar o que lamentam; não querem, portanto, voltar a mente para a contemplação do tempo mal gasto, e recuam diante da revisão de uma conduta cujas faltas se tornam gritantes quando examinadas de novo, embora tenham sido agarradas quando estávamos sob o encanto da satisfação imediata.

3 Ninguém, a não ser que todos os seus atos tenham passado pela censura infalível da própria consciência, volta de bom grado o pensamento para o passado. Quem desejou muito com ambição, desprezou com altivez, ven-

ceu com paixão, enganou com traição, agarrou com avidez ou esbanjou com prodigalidade, tem de temer a própria memória; e, no entanto, esta é uma parte santa e consagrada do nosso tempo, fora do alcance de todos os acidentes humanos, afastada do domínio da Fortuna, que não pode ser perturbada pela necessidade, pelo medo ou por ataques de doença: não pode ser perturbada nem tirada de nós; nós a possuímos para sempre, sem perturbação.

4 O nosso presente consiste só de dias isolados, e estes tomados uma hora de cada vez; mas todos os dias do passado se apresentam diante de nós quando chamados e deixam-se examinar e demorar-se, embora os ocupados não encontrem tempo para isso. É privilégio de uma mente tranquila e serena rever todas as partes da sua vida; mas as mentes dos ocupados são como animais sob o jugo, que não podem se desviar nem olhar para trás.

5 Por isso a vida deles se escoa no vazio e, assim como não adianta derramar quanto quiseres num vaso que não consegue guardar nem reter o que pões nele, também não importa quanto tempo dês aos homens se ele não encontra lugar onde se assentar, mas vaza pelas frestas e furos da mente deles. O tempo presente é muito curto, tanto que a alguns parece não ser tempo nenhum; pois está sempre em movimento e foge depressa: deixa de existir antes de chegar, e não tolera demora, assim como o universo e as estrelas do céu, cujo movimento incessante nunca os deixa parar no caminho.

6 Os ocupados, portanto, possuem só o tempo presente, que é tão curto que não conseguem agarrá-lo, e, quando estão ocupados com muitas coisas, perdem até este.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XI

✦

1 Numa palavra, queres saber por quão pouco tempo eles vivem? Vê como desejam viver muito: velhos alquebrados mendigam nas suas preces o acréscimo de alguns anos; fingem ser mais jovens do que são; iludem-se com as próprias mentiras e estão tão dispostos a enganar a si mesmos como se pudessem enganar o Destino ao mesmo tempo; quando por fim alguma fraqueza lhes lembra que são mortais, morrem como que aterrorizados: pode-se dizer que são arrastados para fora desta vida, mais do que partem dela.

2 Exclamam em voz alta que foram tolos e não viveram a vida, e declaram que, se sobreviverem só a esta doença, passarão o resto da vida em ócio: nessas horas refletem como trabalharam inutilmente para se prover do que nunca gozaram, e como todo o seu esforço foi em vão; mas aqueles cuja vida passa sem nenhum negócio que os absorva podem bem achá-la farta: nenhuma parte dela é entregue a outros ou espalhada aqui e ali; nenhuma parte é confiada à Fortuna, perdida por descuido, gasta em doações de ostentação ou inútil: toda ela está, por assim dizer, aplicada a bons juros.

3 Uma quantidade muito pequena dela, portanto, basta e sobra, e assim, quando chegar o seu último dia, o sábio não hesitará, mas caminhará com passo firme ao encontro da morte.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XII

✦

1 Talvez me perguntes a quem chamo de "ocupados". Não precisas pensar que me refiro só aos que são enxotados dos tribunais com cães no fim das sessões, aqueles que vês empurrados com honra por uma multidão dos próprios clientes ou atropelados com desprezo, nas visitas de cerimônia, por estranhos, que os chamam de casa para ficarem rondando a porta do patrono, ou que se aproveitam dos leilões do pretor para conseguir lucros infames que um dia serão a sua própria ruína.

2 O ócio de alguns é ocupado: na sua casa de campo ou no seu leito, em completa solidão, embora se tenham afastado da companhia de todos, continuam se atormentando; não devemos dizer que a vida desses homens é de ócio: o próprio negócio deles é a preguiça.

3 Chamarias de ocioso um homem que gasta um cuidado ansioso e minucioso em arrumar os seus bronzes de Corinto, valiosos só pela mania de alguns colecionadores, e que passa a maior parte dos dias entre placas de metal enferrujado? Que se senta na palestra (vergonha: até os nossos vícios são estrangeiros) para ver meninos lutando? Que distribui os seus bandos de escravos acorrentados em pares segundo a idade e a cor? Que sustenta atletas da última moda?

4 Ora, chamas de ociosos os homens que passam muitas horas no barbeiro enquanto lhes arrancam pela raiz o que cresceu na noite anterior, fazendo conselho sobre cada fio de cabelo, enquanto os cachos espalhados são postos em ordem e os que caem para trás são forçados para a testa?

5 Como se enfurecem se o barbeiro é um pouco descuidado, como se estivesse tosquiando um homem! Que fúria os toma se lhes cortam um pouco da crina, se alguma parte dela fica mal arrumada, se nem todos os anéis ficam em ordem regular! Qual deles não preferiria que o Estado caísse a ver o cabelo desarrumado? Quem não se importa mais com a aparência da cabeça do que com a saúde? Quem não preferiria o enfeite à honra?

6 Chamas de ociosos esses homens que fazem do pente e do espelho um negócio? E aqueles que dedicam a vida a compor, ouvir e aprender canções, que torcem a voz, feita pela Natureza para soar melhor e mais simples quando usada com naturalidade, por todas as voltas de melodias fúteis; cujos dedos estão sempre marcando o compasso de alguma música que meditam por dentro; que, quando chamados para um assunto sério e até triste, podem ser ouvidos cantarolando uma ária para si mesmos? Essas pessoas não estão em ócio, mas ocupadas com ninharias.

7 Quanto aos banquetes deles, por Hércules, não posso contá-los entre os seus momentos livres quando vejo com que cuidado ansioso arrumam a prataria, com que trabalho ajeitam os cintos das túnicas dos criados, com que ansiedade sem fôlego observam como o cozinheiro serve o javali, com que rapidez, dado o sinal, os jovens escravos correm a cumprir as suas tarefas, com que habilidade as aves são cortadas em pedaços do tamanho certo, com que cuidado jovens infelizes limpam o que os bêbados cospem. Com isso os homens buscam fama de bom gosto e grandeza, e os seus vícios os seguem tão longe na intimidade que não conseguem comer nem beber sem pensar no efeito.

8 Também não contaria como ociosos os que se fazem carregar para cá e para lá em cadeirinhas e liteiras, e que esperam a hora certa desse exercício como se não lhes fosse permitido deixá-lo; homens a quem outro lembra quando tomar banho, quando nadar, quando jantar: chegam a tal ponto de moleza lânguida que não conseguem descobrir sozinhos se estão com fome. Ouvi um desses homens luxuosos — se é que devemos chamar de luxo o desaprender a vida e os costumes de um homem —, quando o tiraram do banho nos braços e o puseram na cadeira, perguntar: "Estou sentado?"

9 Pensas que um homem como esse, que não sabia quando estava sentado, poderia saber se estava vivo, se enxergava, se estava em ócio? Mal sei dizer se tenho mais pena dele se de fato não sabia ou se fingia não saber. Essas pessoas de fato ficam inconscientes de muitas coisas, mas se comportam como se fossem inconscientes de muitas mais: deleitam-se com certas falhas por considerá-las provas de felicidade; parece próprio de um homem totalmente baixo e desprezível saber o que está fazendo.

10 Depois disso, pensas que os autores de comédias inventam muito nas suas sátiras ao luxo? Por Hércules, omitem mais do que inventam; nesta época, criativa só nisso, produziu-se tamanha quantidade de vícios incríveis que já podes censurar os autores de comédias por não os mencionarem. Pensar que haja alguém que perdeu o juízo pelo luxo a ponto de pedir a opinião de outro sobre se está sentado ou não!

11 Esse homem certamente não está em ócio: deves dar-lhe outro nome: está doente, ou melhor, morto; só está em ócio quem sente que está em ócio; mas essa criatura está só meio viva, se precisa que alguém lhe diga em

que posição está o seu corpo. Como pode um homem assim dispor de algum tempo?

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XIII

✦

1 Levaria muito tempo descrever os vários indivíduos que desperdiçaram a vida jogando damas, jogando bola ou tostando o corpo ao sol: não estão em ócio os homens cujos prazeres têm caráter de negócio, pois ninguém duvidará de que são trabalhadores das ninharias os que se dedicam ao estudo de questões literárias fúteis, dos quais já há um grande número também em Roma.

2 Era uma doença do espírito peculiarmente grega investigar quantos remadores Ulisses tinha, se a Ilíada ou a Odisseia foi escrita primeiro e, ademais, se foram escritas pelo mesmo autor, e outras coisas do mesmo tipo, que nem agradam à tua consciência íntima se as guardas para ti, nem te fazem parecer mais erudito, mas só mais aborrecido, se as divulgas.

3 Vê: esse desejo vão de aprender o inútil já tomou conta dos romanos: outro dia ouvi alguém contando quem foi o primeiro general romano a fazer isto ou aquilo: Duílio foi o primeiro a vencer uma batalha naval, Cúrio Dentato o primeiro a levar elefantes no seu triunfo; ademais, essas histórias, embora não acrescentem nada à verdadeira glória, ao menos tratam dos grandes feitos dos nossos compatriotas: esse saber não é proveitoso, mas atrai a nossa atenção como uma espécie fascinante de tolice. Perdoarei até os que querem saber quem primeiro convenceu os romanos a embarcar num navio.

4 Foi Cláudio, que por isso recebeu o sobrenome de Cáudex, porque os antigos romanos chamavam caudex qualquer obra de carpintaria feita de muitas tábuas, e é por isso que os registros públicos se chamam códices, e, por um costume antigo, os barcos que levam mantimentos pelo Tibre se chamam codicárias.

5 Admitamos também que vem ao caso contar como Valério Corvino foi o primeiro a conquistar Messana e o primeiro da família dos Valérios a passar o nome da cidade conquistada para o seu, sendo chamado Messana, e como o povo aos poucos corrompeu a pronúncia e o chamou de Messala; ou deixarias alguém achar interessante que Lúcio Sula foi o primeiro a soltar leões no circo, quando antes eram exibidos acorrentados, e que lançadores de dardos foram enviados pelo rei Boco para matá-los?

6 Isso pode ser permitido à curiosidade deles; mas pode servir para algo útil saber que Pompeu foi o primeiro a exibir dezoito elefantes no circo, que foram postos contra alguns condenados numa batalha simulada?

6.2 O primeiro homem do Estado, alguém que, segundo a tradição, se destacava entre os antigos líderes pela sua extraordinária bondade de coração, achou um espetáculo notável matar homens de um modo até então inédito. Lutam até a morte? Isso não é cruel o bastante; são despedaçados? Isso não é cruel o bastante: que sejam esmagados por animais de tamanho enorme.

7 Seria muito melhor que tal coisa fosse esquecida, para que no futuro algum poderoso não ouvisse falar dela e invejasse a sua barbárie refinada.

8 Ó, como a prosperidade excessiva cega a nossa inteligência! No momento em que lançava tantos bandos de infelizes para serem pisoteados por feras estranhas, quando proclamava guerra entre criaturas tão diferentes, quando derramava tanto sangue diante dos olhos do povo romano, cujo sangue ele mesmo logo derramaria com mais liberdade ainda, ele se julgava senhor do mundo inteiro; mas depois, enganado pela traição dos alexandrinos, teve de se oferecer ao punhal do mais vil dos escravos, e só então descobriu como era vazia a gabolice do seu sobrenome de "o Grande".

9 Mas, voltando ao ponto de onde me desviei, provarei que até neste mesmo assunto algumas pessoas gastam um esforço inútil. O mesmo autor nos conta que Metelo, quando triunfou depois de vencer os cartagineses na Sicília, foi o único romano que jamais levou diante do seu carro cento e vinte elefantes capturados; e que Sula foi o último romano a alargar o pomério, que não era costume dos antigos alargar pela conquista de território das províncias, mas só da Itália.

10 É mais útil saber isso do que saber que o monte Aventino, segundo ele, fica fora do pomério por uma de duas razões: ou porque foi para lá que a plebe se retirou, ou porque, quando Remo tomou ali os auspícios, as aves que viu não foram favoráveis; e outras histórias sem conta do mesmo tipo, que ou são mentiras de fato ou quase a mesma coisa?

10.2 Pois, mesmo que admitas que esses autores falam de toda boa-fé, que garantem a verdade do que escrevem, ainda assim, de quem os erros ficarão menores com essas histórias? De quem as paixões serão contidas? A quem farão mais corajoso, mais justo ou mais nobre?

11 O meu amigo Fabiano costumava dizer que não tinha certeza se não era melhor não se dedicar a estudo nenhum do que se interessar por esses.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XIV

✦

1 Os únicos que estão de fato em ócio são os que se dedicam à filosofia; e só eles vivem de verdade: pois não gozam apenas do seu próprio tempo de vida, mas acrescentam ao seu todos os séculos: todos os anos que passaram antes deles lhes pertencem.

2 A não ser que sejamos as criaturas mais ingratas do mundo, veremos esses homens nobilíssimos, os fundadores das escolas divinas de pensamento, como nascidos para nós, como tendo preparado a vida para nós: somos levados pelo trabalho dos outros a contemplar coisas belíssimas, trazidas das trevas à luz; não somos excluídos de nenhuma época, podemos entrar em qualquer assunto e, se ao menos conseguirmos reunir força de espírito suficiente para ultrapassar o estreito limite da fraqueza humana, teremos uma vasta extensão de tempo onde nos espraiar: podemos discutir com Sócrates, duvidar com Carnéades, repousar com Epicuro, vencer a natureza humana com os estoicos, ir além dela com os cínicos.

3 Já que a Natureza nos permite conviver com todas as épocas, por que não nos afastamos do nosso pequeno e fugaz espaço de tempo para nos entregarmos com toda a mente ao que é vasto, ao que é eterno, ao que partilhamos com homens melhores do que nós?

4 Os que andam de um lado para outro numa ronda de visitas, que se atormentam e atormentam os outros, depois de satisfazerem a sua loucura por completo, de cruzarem todos os dias a soleira de todos os patronos, sem deixar porta aberta em que não entrem, depois de distribuírem os seus

cumprimentos interesseiros nas casas mais diversas — afinal, quantas pessoas conseguem ver numa cidade tão vasta, dividida entre tantas paixões dominantes?

4.2 Quantos, por preguiça, comodismo ou grosseria, lhes negarão a entrada? Quantos, depois de os terem feito esperar muito, passarão por eles fingindo pressa? Quantos evitarão sair pelo átrio cheio de clientes e escaparão por alguma porta escondida nos fundos, como se não fosse mais grosseiro enganar o visitante do que negar-lhe a entrada!

4.3 Quantos, meio adormecidos e entorpecidos pela orgia da véspera, mal conseguem retribuir o cumprimento do infeliz que interrompeu o próprio descanso para esperar o de outro, mesmo depois de o nome dele lhes ter sido sussurrado pela milésima vez, senão com um bocejo ofensivíssimo dos lábios entreabertos.

5 Podemos dizer com verdade que seguem o verdadeiro caminho do dever os que querem conviver todos os dias, com a maior intimidade, com Zenão, Pitágoras, Demócrito e os outros sumos sacerdotes da virtude, com Aristóteles e com Teofrasto. Nenhum desses homens estará "ocupado", nenhum deixará de te mandar embora, depois de uma visita, com o ânimo mais feliz e mais em paz contigo mesmo, nenhum deixará que saias de mãos vazias; e a companhia deles pode ser gozada por todos, de noite como de dia.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XV

✦

1 Nenhum desses homens te obrigará a morrer, mas todos te ensinarão a morrer; nenhum desperdiçará o teu tempo, mas acrescentará a ele o seu. A conversa desses homens não é perigosa, a amizade deles não te levará ao cadafalso, a companhia deles não te arruinará com despesas: podes tirar deles o que quiseres; não te impedirão de beber da sabedoria deles os goles mais profundos que desejares.

2 Que felicidade, que bela velhice espera o homem que os toma por patronos! Terá amigos com quem poderá discutir todos os assuntos, grandes e pequenos, a quem poderá pedir conselho todos os dias sobre si mesmo, de quem ouvirá a verdade sem insulto, o louvor sem lisonja, e à semelhança de quem poderá moldar o próprio caráter.

3 Costumamos dizer que não podemos escolher quem seriam os nossos pais, que eles nos foram dados pelo acaso; mas podemos nascer exatamente como quisermos: há várias famílias de espíritos nobilíssimos: escolhe a qual gostarias de pertencer; pela adoção não receberás só o nome deles, mas também os seus bens, que não são feitos para ser guardados com espírito mesquinho e avarento: quanto mais pessoas os dividem, maiores eles ficam.

3.2 Eles te abrirão o caminho que leva à eternidade e te erguerão a uma altura de onde ninguém te derrubará. Só desse modo podes prolongar a tua vida mortal, ou melhor, transformá-la numa vida imortal.

4 Os altos cargos, os monumentos, tudo o que a ambição registra em decretos ou empilha em pedra logo passa: o correr do tempo derruba e arruína tudo; mas as coisas em que a Filosofia pôs o seu selo estão fora do alcance de qualquer dano: nenhuma época as descartará ou diminuirá a sua força, cada século seguinte acrescentará algo ao respeito que se tem por elas; pois olhamos com olhos invejosos o que está perto de nós, mas admiramos com menos preconceito o que está mais longe. A vida do sábio, por conseguinte, abrange muito: ele não é cercado pelos mesmos limites que prendem os outros; só ele está isento das leis que governam a humanidade: todas as épocas o servem como a um deus.

5 Se algum tempo passou, ele o recupera pela memória; se é presente, ele o usa; se é futuro, ele o antecipa: a sua vida é longa porque ele concentra nela todos os tempos.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XVI

✦

1 Levam a vida mais curta e mais infeliz os que esquecem o passado, descuidam do presente e temem o futuro: quando chegam ao fim dela, os pobres coitados aprendem tarde demais que estiveram ocupados o tempo todo sem fazer nada. Não precisas pensar, porque às vezes chamam a morte, que a vida deles é longa: a sua tolice os atormenta com paixões vagas que os levam justamente às coisas de que têm medo; muitas vezes, por conseguinte, desejam a morte porque vivem com medo.

2 Também não é, como poderias pensar, prova da duração da vida deles o fato de muitas vezes acharem os dias longos, de muitas vezes se queixarem de como as horas passam devagar até chegar a hora marcada para o jantar: pois, sempre que ficam sem os seus negócios de costume, agitam-se sem saída no seu ócio e não sabem como organizá-lo ou fazê-lo render.

3 Lançam-se, por isso, a algum negócio, e todo o tempo intermediário lhes é penoso; gostariam, por Hércules, de saltá-lo, assim como querem saltar os dias que faltam para um combate de gladiadores ou para outro momento marcado para um espetáculo público ou um prazer privado: todo adiamento do que desejam lhes é doloroso.

4 E, no entanto, o próprio tempo que gozam é breve e logo passa, e se torna muito mais breve por culpa deles: pois correm de um prazer a outro e não conseguem se dedicar com constância a uma só paixão; os seus dias não são longos, mas odiosos para eles; por outro lado, como acham curtas as noites que passam com cortesãs ou com vinho!

4.2 Daí nasce aquela tolice dos poetas que estimulam os erros da humanidade com os seus mitos e declaram que Júpiter, para satisfazer os seus desejos voluptuosos, dobrou a duração da noite. Não é pôr lenha nos nossos vícios dar os deuses como autores deles e dar livre curso às nossas doenças oferecendo-lhes a divindade como exemplo?

5 Como as noites que os homens pagam tão caro podem deixar de parecer curtíssimas? Perdem o dia esperando a noite, e perdem a noite com medo da aurora.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XVII

✦

1 Os próprios prazeres desses homens são inquietos e perturbados por vários sustos, e no momento mais alegre de todos surge o pensamento ansioso: "Quanto tempo isto vai durar?" Esse estado de espírito levou reis a chorar sobre o seu poder, e eles não se alegraram tanto com a grandeza da sua posição quanto se aterrorizaram com o fim a que ela um dia teria de chegar.

2 Aquele arrogantíssimo rei persa, quando o seu exército se estendia por vastas planícies e não podia ser contado, só medido, desatou em lágrimas ao pensar que em menos de cem anos nenhum de todos aqueles guerreiros estaria vivo; e, no entanto, a morte deles foi trazida pelo próprio homem que chorava por ela, que ia destruir uns no mar, outros em terra, uns na batalha e outros na fuga, e que em pouquíssimo tempo daria fim àqueles por cujo centésimo ano mostrava tanta preocupação.

2.2 Por que nos admirarmos de que até as alegrias deles se misturem com o medo? Não se apoiam em bases sólidas, mas são perturbadas pelo mesmo vazio de onde nascem.

3 Que miséria devemos supor nos tempos que até eles reconhecem como infelizes, quando até as alegrias com que se exaltam e se erguem acima dos seus semelhantes são misturadas? Todos os maiores bens são gozados com medo, e nada é tão pouco digno de confiança quanto a prosperidade extrema: precisamos de novos golpes de sorte para conseguir guardar o que

gozamos, e até as nossas preces atendidas exigem preces novas. Tudo o que depende do acaso é incerto: quanto mais alto sobe, mais ocasiões tem de cair.

4 Além disso, ninguém tem prazer naquilo que está prestes a cair em ruína: muito infeliz, por conseguinte, e muito curta há de ser a vida dos que trabalham muito para conseguir o que terão de trabalhar ainda mais para guardar: obtêm o que desejam com um trabalho infinito e seguram o que obtiveram com medo e tremor.

4.2 Enquanto isso, não fazem conta do tempo, do qual nunca terão uma provisão nova e maior: substituem ocupações velhas por novas, uma esperança leva a outra, uma ambição a outra; não procuram um fim para a sua infelicidade, mas mudam o assunto dela. As nossas próprias promoções nos perturbam? Não: as dos outros ocupam mais do nosso tempo.

5 Paramos de trabalhar nas campanhas eleitorais? Começamos outros trabalhos votando. Livramo-nos do trabalho de acusar? Começamos o de julgar. Um homem deixou de ser juiz? Torna-se examinador. Envelheceu administrando, por salário, os bens alheios? Passa a se ocupar dos próprios.

6 Mário é dispensado do serviço militar; torna-se cônsul muitas vezes. Quíncio está ansioso para chegar ao fim da sua ditadura; será chamado pela segunda vez do arado.

6.2 Cipião marchou contra os cartagineses antes de ter idade para tão grande empresa; depois de vencer Aníbal, vencer Antíoco, ser a glória do próprio consulado e o fiador do consulado do irmão, poderia, se quisesse, ter sido posto no mesmo pedestal que Júpiter; mas as facções civis ator-

mentarão o salvador do Estado, e aquele que, jovem, desdenhou receber honras divinas, terá orgulho, velho, de permanecer obstinadamente no exílio.

7 Nunca nos faltarão motivos de ansiedade, agradáveis ou dolorosos: a nossa vida será empurrada de um negócio para outro; o ócio sempre será desejado e nunca gozado.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XVIII

✦

1 Por isso, meu caríssimo Paulino, arranca-te da multidão e, já que enfrentaste mais tempestades do que se pensaria pela tua idade, recolhe-te enfim a um porto mais tranquilo: pensa em que ondas navegaste, que tormentas suportaste na vida privada e atraíste sobre ti na pública. A tua coragem já foi bastante mostrada por muitas provas trabalhosas e cansativas; experimenta como ela se sairá com o ócio: a maior parte, e certamente a melhor, da tua vida foi dada à tua pátria; toma agora também uma parte do teu tempo para ti.

2 Não te aconselho a praticar uma preguiça embotada ou mole, nem a afogar todo o teu espírito ardente nos prazeres caros à multidão: isso não é repouso; podes encontrar obras maiores do que todas as que até agora realizaste com tanta coragem, nas quais poderás te ocupar no retiro e na segurança. Administras as rendas do mundo inteiro com tanto desinteresse como se fossem de outro, com tanto trabalho como se fossem tuas, com tanto escrúpulo como se fossem do povo; conquistas amor num cargo em que é difícil não despertar ódio; mas, acredita, é melhor entender a própria mente do que entender o mercado do trigo.

3 Tira essa tua inteligência aguda, tão capaz de enfrentar os maiores assuntos, de um posto que pode ser honroso, mas que mal serve para tornar a vida feliz, e pensa que não estudaste desde a infância todos os ramos de uma educação liberal só para que muitos milhares de toneladas de trigo pudessem ser confiados com segurança aos teus cuidados: deste-nos a promessa de algo maior e mais nobre do que isso. Nunca faltarão administra-

dores rigorosos nem trabalhadores esforçados: as bestas de carga lentas servem melhor para levar fardos do que os cavalos de raça, cuja generosa rapidez ninguém sobrecarregaria com uma carga pesada.

4 Pensa, ademais, como é cheia de riscos a grande tarefa que assumiste: tens de lidar com o estômago humano: um povo faminto não suporta a razão, não se acalma com a justiça e não dá ouvidos a nenhuma súplica.

4.2 Há apenas poucos dias, quando morreu Caio César, lamentando nada tanto (se os que estão no outro mundo podem sentir tristeza) quanto o fato de o povo romano não morrer com ele, dizia-se que havia trigo só para sete ou oito dias de consumo: enquanto ele fazia pontes com navios e brincava com os recursos do império, a falta de mantimentos, o pior mal que pode cair até sobre uma cidade sitiada, estava às portas; a sua imitação de um rei louco, estrangeiro e soberbo por pouco não terminou em ruína, fome e na revolta geral que segue a fome.

4.3 Quais devem ter sido os sentimentos dos que tinham o encargo de abastecer a cidade de trigo, que corriam o perigo de ser apedrejados, do fogo e da espada, do próprio Caio?

5 Com arte consumada esconderam o vasto mal interno que ameaçava o Estado, e fizeram muito bem; pois certas doenças precisam ser curadas sem que o doente saiba: muitos morreram por descobrir o que tinham.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XIX

✦

1 Recolhe-te a estes campos de ação mais tranquilos, mais seguros, mais vastos: pensas que se pode comparar cuidar que o trigo seja depositado no celeiro público sem ser roubado pela fraude ou estragado pelo descuido de quem o traz, que não sofra com a umidade ou o calor, que tenha a medida e o peso que deve ter, com começar o estudo do saber sagrado e divino, que te ensinará de que elementos são feitos os deuses, quais são os seus prazeres, a sua posição, a sua forma?

1.2 Que mudanças a tua alma tem pela frente? Onde a Natureza nos porá quando formos liberados do corpo? Qual é o princípio que mantém no meio todas as partículas mais pesadas do nosso universo, suspende as mais leves acima, põe o fogo no mais alto de tudo e faz as estrelas surgirem nos seus cursos, com muitas outras coisas cheias de maravilhas?

2 Não vais parar de rastejar pela terra e voltar o olhar da mente para esses temas? Sim: enquanto o teu sangue ainda corre depressa, antes que os teus joelhos fiquem fracos, deves tomar o caminho melhor. Nesta forma de vida esperam-te muitos bens, como o amor e a prática das virtudes, o esquecimento das paixões, o saber viver e morrer, um repouso profundo.

2.2 A situação de todos os ocupados é infeliz, mas a mais infeliz de todas é a daqueles que nem trabalham nos próprios negócios, mas têm de regular o seu descanso pelo sono de outro, o seu passo pelo passo de outro, e cujos próprios amor e ódio, as coisas mais livres do mundo, estão às ordens de outro.

[3] Se esses homens querem saber quão curta é a sua vida, que pensem em quão pequena fração dela é deles.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO XX

✦

1 Quando, portanto, vires um homem vestir muitas vezes a púrpura dos cargos e ouvires o seu nome repetido muitas vezes no fórum, não o invejes: ele ganha essas coisas perdendo tanto da sua vida. Os homens jogam fora todos os seus anos para que um ano leve o seu nome como cônsul: alguns perdem a vida no começo da luta e nunca chegam à altura a que aspiravam; alguns, depois de se submeterem a mil indignidades para chegar à dignidade suprema, têm a triste reflexão de que o único resultado dos seus trabalhos será a inscrição no túmulo.

2 Alguns, enquanto destinavam a velhice extrema, como se fosse juventude, a novas aspirações, viram-na falhar por pura fraqueza no meio de empresas grandes e presunçosas. É um fim vergonhoso quando o fôlego abandona um homem num tribunal enquanto, embora carregado de anos, ele ainda se esforça para ganhar a simpatia de uma plateia ignorante para algum litigante obscuro; é vil morrer no meio dos negócios, cansado de viver antes de se cansar de trabalhar; vergonhoso também morrer no ato de receber pagamentos, entre os risos do herdeiro que há muito espera.

3 Não posso deixar de lado um exemplo que me ocorre: Turânio era um velho da mais esmerada exatidão que, depois de entrar no seu nonagésimo ano, quando por ato do próprio Caio César foi dispensado das suas funções de cobrador de impostos, mandou que o deitassem na cama e o chorassem como se estivesse morto. A casa inteira chorou o ócio do seu velho senhor, e não deixou o luto até que o trabalho lhe fosse devolvido. Os homens podem achar tanto prazer em morrer trabalhando?

4 No entanto, muitos pensam do mesmo modo: conservam o desejo de trabalhar por mais tempo do que a capacidade para isso, e lutam contra a fraqueza do corpo; acham a velhice um mal por nenhuma outra razão senão porque os põe de lado. A lei não alista um soldado depois dos cinquenta anos nem exige a presença de um senador depois dos sessenta; mas os homens têm mais dificuldade em obter o próprio consentimento do que o da lei para uma vida de ócio.

5 Enquanto isso, enquanto roubam e são roubados, enquanto um perturba o repouso do outro e todos se tornam igualmente infelizes, a vida fica sem proveito, sem prazer, sem nenhum progresso do espírito: ninguém mantém a morte bem diante dos olhos, ninguém se abstém de esperanças que vão longe. Alguns chegam a organizar coisas que ficam além da própria vida, como enormes construções funerárias, a dedicação de obras públicas, espetáculos a serem dados na sua pira funerária e procissões de ostentação; mas, por Hércules, os funerais desses homens deveriam ser feitos à luz de tochas e velas de cera, como se tivessem vivido só poucos dias.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0